



Era uma vez Ninguém
e ninguém mais.

Ninguém estava sozinho.

Ninguém não estava só sozinho.
Ninguém também não tinha
com o que brincar,
e nenhum lugar
para ir.

Uma maravilhosa história de amor
sobre o começo de tudo.



hedra
educação

101

Bart Mertens Benjamin Leroy

Ninguém e eu

Ninguém e eu

Tradução • Jorge Sallum

hedra
educação

Meu baú de cordeis

Klévisson Viana

Sumário

1 Sobre o livro	1
2 Sobre o autor	2
3 Sobre o gênero	4
4 Carta ao professor	4
5 Pré-leitura	5
6 Leitura	8
7 Pós-leitura	13
8 Sugestões de referências complementares	16
8.1 Filmes	16

acorde![#]

OBRAS

978-65-99441-24-0 (ESTUDANTE)
978-65-99441-27-1 (PROFESSOR)

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Jorge Sallum
Suzana Salama
Felipe Musetti

EDIÇÃO

Paulo Henrique Pompermaier
Renier Silva

ASSISTÊNCIA EDITORIAL

Ana Lancman
Nathalia Tomaz

DIAGRAMAÇÃO E REVISÃO

EdLab Press

LICENÇAS

CC-BY-NC 3.0 BR

ACORDE PRODUÇÕES MUSICAIS

Rua Comendador Martineli, 560 •
20561-060
Rio de Janeiro RJ
55 21 22805952
 contato@maisemelhores.com.br

1 Sobre o livro

O livro *Meu baú de cordeis* é uma reunião de poemas escritos por Klévisson Viana. Nesta coletânea poética, Klévisson mostra um leque variado de poemas na tradição cordelística, desde biografias até pequenas anedotas engraçadas, desde reflexões sobre a vida até fantasias sobre mundos maravilhosos. Klévisson revisita o “País de São Saruê” criado por Manuel Camilo dos Santos; reconta histórias impagáveis de como Lampião tirou um espinho de um pé alheio ou um cavalo que bebeu cerveja num balcão; descreve de maneira emocionada a chegada no céu de seu irmão, o grande e saudoso Arievaldo Vianna; conta aventuras fantásticas que vão desde o sertão nordestino às cidades mexicanas.

2 Sobre o autor

Klévisson Viana Klévisson Viana (Antônio Clévisson Viana Lima) é escritor, cordelista, roteirista, cartunista, xilogravador, editor e presidente da AESTROFE – Associação de Escritores, Trovadores e Folheteiros do Estado do Ceará. É também membro da ABLC – Academia Brasileira de Literatura de Cordel (RJ). Coordena o projeto editorial da Tupynanquim Editora, onde já publicou cerca de mil obras de quase uma centena de autores.

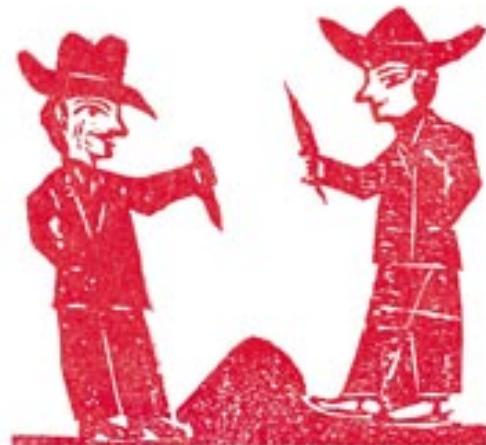
Como autor, Klévisson Viana publicou mais de 30 livros e quase 200 folhetos de Literatura de Cordel. Seus trabalhos fluíram pelos quadrinhos, pela televisão e por adaptações para o teatro. Destaca-se o folheto *A quenga e o delegado*, transformado em episódio da série Brava Gente da Rede Globo. Tem trabalhos publicados em diversas editoras nacionais e internacionais como Chandigne – Paris (FR), Editora Leya – Lisboa (PT), Editora Hedra – São Paulo (BR), Nova Alexandria – São Paulo (BR), Editora Demócrito Rocha – Ceará (BR), Editora Amarilys – São Paulo (BR), Edelbra – Porto Alegre (BR), Nova Alexandria – São Paulo (BR), dentre outras. Tem outras obras publicadas em antologias na Turquia, Israel, Bélgica, Itália e Holanda.

Dentre sua extensa obra podemos encontrar os livros *Sertão menino*, de 2008, *Abecedário dos bichos*, de 2013, *O Guarani em cordel*, de 2013, e *Miolo da rapadura*, de 2017; os álbuns em quadrinhos *O mundo do Cajulino*, de 1993, *Lampião... Era o cavalo do tempo atrás da besta da vida*, de 1999, *Admirável riso novo*, de 2004, e *O cangaceiro do futuro e o jumento espacial*, de 2017; e os folhetos de cordel *A chegada de Ariano Suassuna no céu*, *Carta de um jumento a Jô Soares*, *Cinco anos do São Paulo capital do Nordeste*, *A triste partida de Patativa do Assaré*, *O cordelista na França*, e *Seu Lunga – o homem mais zangado do mundo, volumes I, II e III*.

Seu currículo consta de diversos prêmios importantes. Foi vencedor seis vezes consecutivas do PNBE – Programa Nacional da Biblioteca Escolar (MEC), três vezes do Troféu HQ Mix, uma vez do PNAIC – Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (MEC) e "Prêmio Jabuti de Literatura" concedido anualmente pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), dentre outros.

Klévisson Viana coordena eventos culturais, ministra palestras, oficinas e recitais em todo o Brasil e já levou sua arte a países como França, Portugal, México, Cabo Verde e Costa Rica.

**CHARLEMAGNE, LAMPIÃO
& AUTRES BANDITS**



Histoires populaires brésiliennes
Chandeigne

Figura 1: Edição francesa de um livro em cordel de Klévisson Viana.

3 Sobre o gênero

O gênero O gênero deste livro são *cordel* e *história em quadrinhos*.

O cordel é por tradição uma atividade múltipla, em que é normal a mesma pessoa se desdobrar em diferentes funções: poeta, tipógrafo, vendedor de rua, dono de loja...

A história em quadrinhos é um gênero que, assim como o cordel, trabalha ao mesmo tempo a linguagem verbal e a visual. Não há uma hierarquia entre o texto e a ilustração nestes gêneros: nem o texto é mera legenda da imagem, nem a imagem, mera ilustração do texto; são dois elementos de uma mesma obra, que deve ser lida como um todo.

Chama-se cordel as histórias curtas em versos metrificados e rimados de personagens lendárias impressas em cadernos, geralmente artesanais, com ilustrações feitas sob a técnica da xilogravura, e comercializadas originalmente em feiras livres do Nordeste do Brasil. Sua origem remete às cantigas portuguesas medievais trazidas pelos colonizadores.

Ambas as formas literárias exercitam a imaginação e a criatividade das crianças e dos jovens quando bem utilizadas. Podem servir de reforço à leitura e constituem uma linguagem altamente dinâmica. São linguagens que, ainda que de uma origem arcaica, são adequadas à nossa era devido à fluidez, à intensidade e sobretudo à abertura à inovação que lhes constitui.

O cordel não tem limite, não tem cardápio, não tem receita pronta. O cordel é o verso da nossa tradição popular. Ele hoje sente-se à vontade para falar de qualquer assunto, abordar qualquer temática, refletir o mundo do nosso tempo.

4 Carta ao professor

Caros professores, gostaríamos de apresentar a obra *Meu baú de cordeis*, do autor, editor, tipógrafo cearense Klévisson Vianna. Conhecido pelo manejo dos gêneros verbo-visuais do cordel e das histórias em quadrinhos, Klévisson é consagrado em seu meio. O material que você tem em mãos, portanto, é da melhor qualidade!

Neste livro, você encontrará uma gama de possibilidades para trabalhar em sala de aula. O primeiro poema do livro, o “ABC do cordel” apresenta, em forma de acróstico, as principais características do gênero cordelístico, além de seus principais autores, as diferenças em relação a outros “gêneros irmãos”, como o repente, dentre outras informações, sempre guiadas por uma métrica e ritmo impecáveis, características do gênero mas impecavelmente executados pelo poeta. Destacamos uma atividade de leitura inicial que contemple este poema, afim de usar didaticamente o texto do próprio autor.

Antes de iniciar a leitura dos poemas em si, que deverá ser oral e em conjunto, para fazer jus ao gênero, propomos que os alunos sejam sensibilizados ou que retomem um conhecimento prévio das expressões da cultura oral, que em uns deve aparecer de formas diferentes em decorrência de suas origens familiares — para aqueles que provêm de regiões mais rurais, o tipo de oralidade deve se aproximar mais da canção tradicional, já para os que provêm das áreas urbanas, outras formas de linguagem oral pode ser mais predominante, como as expressões do *hip hop*, por exemplo.

Por fim, propomos que, após a leitura do livro em sala de aula, o professor ou a professora instigue os alunos a **se apropriar da linguagem**, tanto visual, com as ilustrações, quanto verbal, com os versos em si. Ao fim do trabalho com o livro, esperamos que os alunos percebam a proximidade destes gêneros verbo-visuais da vida quotidiana e a possibilidade de serem utilizados não só pelos grandes poetas consagrados, mas também por eles!

Esperamos, professor ou professora, que este material sirva como um guia para seu trabalho em sala de aula. Já contamos, no entanto, com as adaptações que surgirão organicamente na recepção do mesmo por vocês, que possuem trajetórias e escolhas didáticas específicas, bem como no contato com os alunos, que tanto têm a oferecer para o enriquecimento da experiência didática.

5 Pré-leitura

Visto que um dos principais elementos que constituem o gênero do cordel é a **oralidade**, sugerimos ao professor ou à professora que inicie o trabalho com uma introdução a este tema com os alunos. Ainda que o cordel, folheto, ou romance – outras nomes que ele recebe – não *precise ser performado*, é comum que isso aconteça em eventos como as feiras de cordeis, ou, mais tradicionamente, nas

feiras abertas das cidades do interior onde eles eram comercializados. Nesta ocasião, o cordelista, responsável pela escrita, ilustração e venda do folheto, também cuidava da etapa de reprodução do trabalho.

Há outro gênero, que podemos chamar de *irmão do cordel*, onde a *performance* não é facultativa, mas o seu meio de divulgação e mesmo de produção. O **repente**, popular nas mesmas regiões que o cordel, é baseado no improviso cantado alternado por dois cantores. Não se trata, como no cordel, necessariamente de uma narrativa; diversos assuntos podem surgir numa toada de repente, sendo as mais comuns as invectivas entre os dois violeiros. Um elemento que, no entanto, aproxima os dois gêneros, e justifica esta atividade, é o fato de que, bem como no cordel, todos os versos do repente são obrigatoriamente **rimados**, o que lhe garante uma forte musicalidade.

Atividade 1 (foto da capa do álbum “Nordeste: Cordel, Repente e Canção”, de 1975.)

Escuta de algumas faixas do álbum *Nordeste: Cordel, Repente e Canção*,¹ de 1975. O professor ou a professora deve executar algumas faixas deste álbum antológico que reune exemplares da poesia oral nordestina em forma de repente e cordel. Durante a audição, pergunte aos alunos se algo lhes soa familiar:

- Vocês já ouviram alguma vez algo como isso?
- Se sim, em que ocasião?
- Quais são os instrumentos que eles usam?

Atividade 2 Sabedoria e tradução oral. Transmissão de valores por meio da tradição oral.

Há culturas no Brasil e no mundo onde os principais valores fundadores da sociedade não são transmitidos por um livro sagrado, como a Bíblia, para os cristãos, o Torá, para os judeus, ou o Alcorão, para os muçulmanos. Povos indígenas brasileiros como os Guarani guardam e transmitem uma sabedoria milenar por meio de cantos sagrados chamados *guahu*. Para os povos da tradição de Ifá, no Oeste africano, e seus descendentes no Brasil, os *itãs* são histórias sagra-

¹Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wS6jzcZcc6U>>. Último acesso em 13 de dezembro de 2021.



Figura 2: “Homero cego guiado pelo gênio da Poesia”. (Museu Metropolitano de Arte, Nova Iorque. CC-BY-2.0)

das que são consultadas por meio de um sacerdote para solucionar problemas quotidianos da comunidade. Esses *itás* também são, tradicionalmente, passados de sacerdote a sacerdote por via oral.

Também no Oeste africano, há a figura do *griot*, cantador e contador de histórias em praças públicas.

Durante a Idade Média europeia, os *trovadores* representavam esta cultura. Eram eles que reproduziam, publicamente, versos criados por eles ou por outros, acompanhados em geral de um instrumento de cordas. O cordel e o repente nordestino são descendentes diretos desta tradição, instaurada no país com a colonização ibérica a partir do século xv.

É importante, professor ou professora, que os alunos percebam que a tradição oral é comum a praticamente todos os povos tradicionais do mundo. Sinta-se à vontade para trazer referências de outras origens desta mesma atividade.

6 Leitura

Atividade 1 A partir da leitura do “ABC do cordel”, o professor ou a professora pode pedir aos alunos uma esquematização das informações apresentadas, como: definição do cordel, apresentação do narrador, grandes nomes do cordel, outros nomes para o gênero, e quantas outras informações o professor ou professora julgar importante.

BNCC | 1

Língua Portuguesa

EF35LP27

Ler e compreender, com certa autonomia, textos em versos, explorando rimas, sons e jogos de palavras, imagens poéticas (sentidos figurados) e recursos visuais e sonoros.

Atividade 2

Para a leitura em sala de aula, o professor ou a professora pode solicitar o professor de Música da escola, caso haja um, ou de Artes, para que a leitura seja acompanhada por um instrumento. Ideias, precisaria-se de uma viola nordestina e um pandeiro. No entanto, estes instrumentos podem ser adaptados.



Figura 3: *Griot* da antiga África Ocidental. (CC-BY-2.0)



Figura 4: Representação de uma dupla de repentistas. (CC-BY-2.0)

BNCC | 2

Língua Portuguesa

EF35LP23

Apreciar poemas e outros textos versificados, observando rimas, aliterações e diferentes modos de divisão dos versos, estrofes e refrões e seu efeito de sentido.

Atividade 3

O professor ou professora pode aproveitar o ensejo do trabalho com o cordel e apresentar, caso ainda não seja um conteúdo dado, ou revisar as diferentes métricas que um poema pode ter. A redondilha menor, com cinco sílabas poéticas, e a redondilha maior, com sete, são os mais comuns na poesia popular. Já os decassílabos, com dez, e os alexandrinos, com doze sílabas poéticas, estão presentes nos clássicos como as epopeias de Homero e de Camões. Os versos livres, aqueles que não apresentam uma padronização métrica, ganharam evidência no Ocidente com as escolas modernistas do começo do século xx.

Escolha um cordel do livro e peça que os alunos indiquem a metrificação dos versos. Este procedimento se chama *escalonação*.



Figura 5: Escultura em madeira de Padre Cícero, líder religioso ícone da cultura popular nordestina, citado ao lado de Lampião, em “ABC do cordel”.(CC-BY-2.0)



Figura 6: Pandeiro: tradicional instrumento utilizado nas *performances* de cordel e repente.(CC-BY-2.0)



Figura 7: Uma lata pode funcionar como um pandeiro improvisado.(CC-BY-2.0)

BNCC 3

Língua Portuguesa

EF35LP29

Identificar, em narrativas, cenário, personagem central, conflito gerador, resolução e o ponto de vista com base no qual histórias são narradas, diferenciando narrativas em primeira e terceira pessoas.

Atividade 4

A fim de inferir a presença de valores sociais, culturais e de diferentes pontos de vista sobre o mundo em textos literários, é importante que os alunos reconheçam que as obras possibilitam que se estabeleça múltiplos olhares sobre identidades, sociedades culturais, sempre a partir da autoria e do contexto sócio-histórico da produção.

Acerca da história “A metade da vida”, faça as seguintes perguntas à turma:

- Qual o principal tema tratado neste cordel?
- Qual a ironia na fala final do velho barqueiro?

Caso necessário, explique do que se trata a figura de linguagem *ironia* e aproveite o exemplo do cordel para ilustrá-la.

Depois, acerca das “Bravuras de dois vaqueiros e o lobisomem fantasma”, pergunte aos alunos **quais elementos de outras histórias conhecidas no imaginário popular podemos encontrar dentro deste cordel?** Caso eles tenham dificuldade, chame a atenção a lugares-comuns como a **dona**zela presa num castelo à espera de um cavaleiro, com quem se casará no final, um cavaleiro que derrota um monstro/dragão, o ouro, no final da aventura, como recompensa pela salvação da donzela e da morte do monstro etc.

7 Pós-leitura

Atividade 1 Oficina de xilogravura

O termo *xilogravura* significa, literalmente, “gravura feita em madeira”. Isto porque os gravuristas especializados nesta técnica entalham, com o auxílio de um **formão**, desenhos e escrituras sobre uma placa de madeira. Criam, assim, um molde que, coberto de tinta, em geral preta, será usado para a reprodução do desenho ou escritura repetidas vezes. Este é o processo dos folhetos de cordel que têm as tradicionais ilustrações feitas com a técnica da xilogravura.

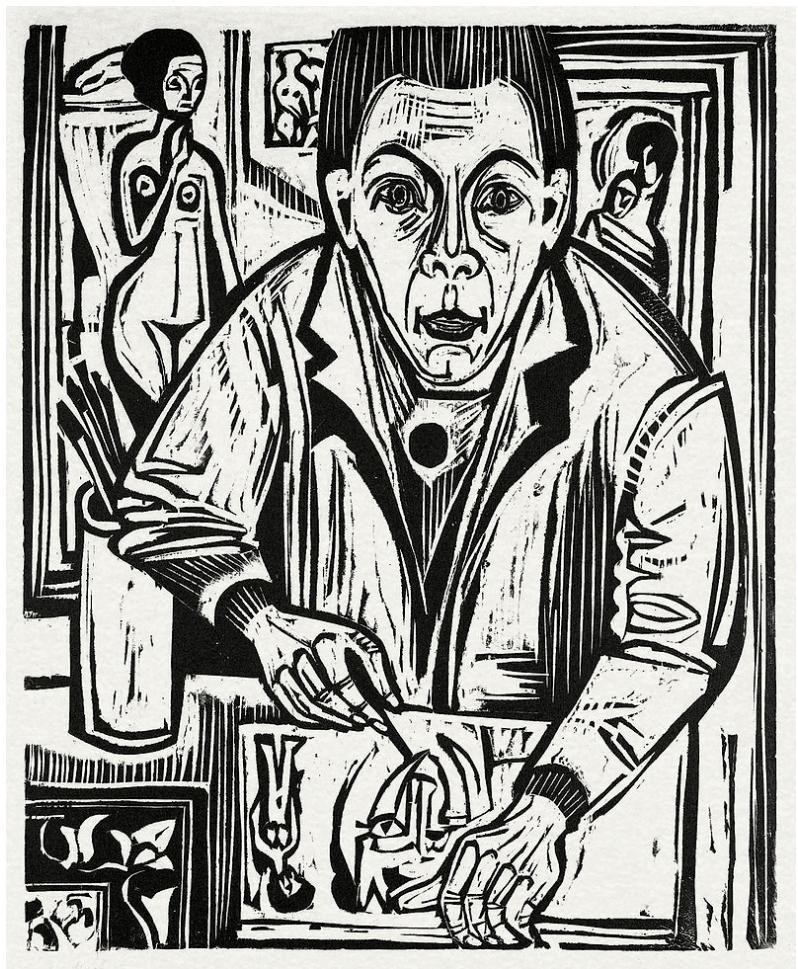


Figura 8: Exemplo de xilogravura.(CC-BY-2.0)



Figura 9: Cordeis pendurados em varais conforme em uma feira de cordeis.(CC-BY-2.0)

Como para o contexto da sala de aula este procedimento pode não ser tão acessível por conta dos materiais – formão, goiva, rolo, placa de linólio... –, propomos que o professor ou professora, com o auxílio do professor ou professora de Artes, desenvolva uma atividade de ilustração utilizando objetos mais próximos, como o *isopor* presente em embalagens, que pode ser reutilizado. Neste caso, não se tratará de uma xilogravura mas de uma *isogravura*. Deixamos um vídeo didático² acerca da técnica. O professor ou professora deve lembrar aos alunos que os resultados da produção serão utilizados na atividade seguinte, que é a criação de um cordel inteiro.

BNCC 4

Língua Portuguesa

EF35LP25

Criar narrativas ficcionais, com certa autonomia, utilizando detalhes descriptivos, sequências de eventos e imagens apropriadas para sustentar o sentido do texto, e marcadores de tempo, espaço e de fala de personagens.

Atividade 2

Oficina de escrita de cordel

Seguindo o exemplo do cordel “Bravuras de dois vaqueiros e o lobisomem fantasma” que utiliza elementos comuns ao universo das lendas, os alunos podem fazer uma adaptação para o cordel de uma história de sua escolha.

²Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8sq9Qq-wrls>>. Último acesso em 13 de dezembro de 2021.

Atividade 3 Como forma de proporcionar práticas de compartilhamento de leitura e recepção de manifestações artísticas, propõna a organização de uma **feira de cordel** com apresentação musical dos cordeis produzidos pela turma.

8 Sugestões de referências complementares

8.1 Filmes

- *Nordeste: Cordel, Repente e Canção*, de 1975. Tânia Quaresma.